

TENTANDO DECIFRAR UM ENIGMA: POR QUE CERTA APATIA ESTUDANTIL DIANTE DA ASCENSÃO DO NEONAZISMO NO BRASIL?

TRYING TO DECIPHER AN ENIGMA: WHY CERTAIN STUDENT APATHY BEFORE THE RISE OF NEO-NAZISM IN BRAZIL?

Virginia Figueiredo
UFMG/FAPEMIG¹

RESUMO: Por que muitos *estudantes* aderiram com tanto entusiasmo às jornadas de 2013, ocupando as ruas pelo país afora, e agora, diante da perigosíssima, *dangerosíssima* ascensão do neonazismo no Brasil, mantêm-se apáticos, indiferentes e até, ousaria dizer, *passivos*? Talvez, possamos comparar as Jornadas de 2013 com o Maio 68 na França. Aventurei a possibilidade de os/as jovens estarem à procura de novos *modos de existência*, tentando “aplicar” esse conceito deleuziano (com uma admirável posteridade) ao movimento cuja característica mais notável e, aliás, a mais criticada, foi a sua pauta múltipla, sua incontrolável diversidade!

PALAVRAS-CHAVE: Neonazismo, juventude, Brasil, Jornadas de 2013, Maio 68.

ABSTRACT: Why did many students so enthusiastically join the 2013 protests, occupying the streets across the country, and now, faced with the very dangerous rise of neo-Nazism in Brazil, remain apathetic, indifferent and even, dare I say, *passive*? Perhaps we can compare the 2013 Journeys with May 68 in France. I suggested the possibility that young people were looking for new *ways of existence*, trying to “apply” this Deleuzian concept (with admirable posterity) to the movement whose most notable feature, and indeed the most criticized, was its multiple agenda, its uncontrollable diversity!

KEYWORDS: Neo-Nazism, Youth, Brazil, 2013 Journeys, May 68.

¹ Este texto foi escrito no contexto do Projeto de Pesquisa KANTINSA – Kant in South America, desenvolvido junto com as professoras Patrícia Kauark-Leite e Giorgia Cecchinato (Departamento de Filosofia da UFMG), financiado, no Brasil, pela FAPEMIG e, no Exterior, pela Comissão Europeia Marie-Sklodowska Curie.

“A menor descrição que eu faço de uma parte da terra, também é uma descrição política. Não dá para falar em nada sem falar em política, sobretudo hoje quando os instrumentos de poder se aperfeiçoaram.”

SANTOS, Milton.

“Um pouco de possível, senão eu sufoco”.
DELEUZE, Gilles. “Maio 68 não ocorreu”²

Ao Pedro e à Paula

Antes de tudo, agradeço pelo convite para participar do colóquio e agora, desta publicação. Parabenizo toda a equipe pela organização do colóquio e da publicação, mas também, sobretudo, pelo tema escolhido, o da juventude, tão instigante quanto esquecido. Foi realmente muito original e merece nosso aplauso.

Em seguida, quero pedir desculpas e arrepende-me, publicamente, pela ambição do título e da promessa que todo título contém, que ficou longe de ser satisfatoriamente cumprida, o que os/as leitores/as deste texto vão poder logo constatar.

Por fim, cito um trecho da Apresentação do Colóquio, assinado pelas professoras Mariana Lins Costa, Laura de Borba Moosburger e pelo professor Arthur Grupillo, ao qual tentei, a meu modo, corresponder:

Certamente, aí, muitas possibilidades se abrem: em primeiro lugar, a *relação entre juventude* e formação, para o que a filosofia da educação, mas também a filosofia da história e a *filosofia política* [apesar de ser uma professora cuja trajetória é quase de uma “*especialista* – muito embora deteste essa designação – em estética”, minha preocupação constante sempre foi com os elos entre filosofia, arte e política e há momentos em que a política invade as nossas vidas de tal modo, que não hesitaria em qualificá-lo de *abusivo*, e do qual, parece, talvez, não seja salutar, nem sequer permitido escapar. Considero que estamos vivendo um momento político desse tipo, e

² DELEUZE, Gilles. “Mai 68 n’a pas eu lieu”. In: *Deux régimes de fous*. Paris, França: Editions Minuit, 2003, p. 216. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa: “Maio 68 não ocorreu”. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*. 1º quadrimestre de 2015. Volume 8, nº 1, p. 119. Aproveito para agradecer aqui, publicamente, o meu ex-aluno Leandro Lelis Matos, por ter chamado a minha atenção para essa excelente tradução, e por tê-la gentilmente enviado a mim! Foi também ele quem, há mais tempo, me enviara o PDF original do ensaio de Deleuze, esclarecendo-me em qual livro este tão pequeno quanto brilhante artigo de jornal havia sido publicado! Hoje, é inevitável, infelizmente, associar esse grito de socorro dos *soixante-huitards* (participantes do Maio 68 em Paris) com o grito do afro-estadunidense George Floyd (*I can’t breathe* – não estou conseguindo respirar), assassinado por um policial em 25 de maio de 2020 e que desencadeou uma vaga de manifestações antirracistas multitudinárias, não só nos EUA, como em várias partes do mundo.

que devemos nos mobilizar e nos esforçarmos em busca de uma saída, dos “pontos de fuga”, como diria Deleuze] podem ser especialmente conclamadas. Não raro o jovem está no centro das discussões sobre a formação do indivíduo, das sociedades e principalmente sobre a criatividade da ação, seja por obra da imaginação e da inovação linguística, conceitual e tecnológica, seja por obra das energias de protesto e revolta.

Foi acreditando e depositando minha esperança nessa imaginação juvenil, nessas “energias de protesto e de revolta” que construí o meu texto, instigada por uma pergunta obsessiva, obstinada, que já duvido ser capaz de responder. Devolvo, então, a pergunta a vocês: por que muitos *estudantes* (talvez, mesmo, os que estejam hoje aqui presentes virtualmente³) aderiram com tanto entusiasmo às jornadas de 2013, ocupando as ruas pelo país afora, e agora, diante da perigosíssima, *dangerosíssima*⁴ ascensão do neonazismo no Brasil, mantêm-se apáticos, indiferentes e até, ousaria dizer, *passivos*? Por que os *Black Blocks* não estão mais nas ruas, atirando pedras nas vitrines e fachadas dos bancos e das grandes revendedoras de veículos (símbolos do capitalismo, como eles mesmos afirmavam)? Por que está tão difícil retomar a bandeira *anti-capitalista*,⁵ num momento em que o capitalismo assume provavelmente sua forma mais violenta e cruel, que é a forma neonazista ou fascista? Quero dizer, “fascista”, naquele mesmo sentido da frase lapidar de Antônio Gramsci, a cuja verdade se resistia ainda nos anos 1974-75, como advertia Maria Antonietta Macciocchi, no seu seminário na Universidade Paris VIII. Foi em 1922 (!!!) que Gramsci denunciou “*o fascismo [como] um estado natural de desenvolvimento do capitalismo*”. No seu seminário nos anos 1970, Macciocchi observava de maneira aguda haver ainda uma resistência à *verdade* irrefutável daquela afirmação. Ouso dizer que até hoje, 2022, isto é, 100 anos depois, continuamos a resistir contra o teor de verdade dessa frase e a consequente ameaça (o perigo fascista) que ela revela; continuamos a encobri-la e até a repeli-la, contrariando todas as evidências! Cito Maria Antonietta:

No Congresso de Roma, março de 1922, o PCI (Partido Comunista Italiano) excluía a possibilidade de um golpe de estado fascista e

³ Lembrando que o Colóquio “Filosofia, Estética e Juventude” ocorreu de forma exclusivamente virtual entre os dias 8 e 11 de novembro de 2021.

⁴ Referência ao lindo poema de Carlos Drummond de Andrade: “O homem; as viagens”: “Restam outros sistemas fora/ do solar a col/onizar./ Ao acabarem todos/ só resta ao homem/ (estará equipado?)/ a difícilima, a *dangerosíssima* viagem/ de si a si mesmo:/ pôr o pé no chão/ do seu coração/ experimentar/ colonizar/ civilizar/ humanizar/ o homem/ descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas/ a perene, a insuspeitada alegria de/ *con-viver*.” Grifo meu.

⁵ JAMESON, F. *Arqueologias do Futuro*: “[Parece que é/vf] mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo.” Citado na Revista *Carta Capital*, 3 de novembro de 2021, p. 63.

Gramsci teve dificuldade (*a dut se battre*) para incluir uma frase sobre o perigo fascista afirmando: ‘*O fascismo é um estado natural de desenvolvimento do capitalismo*’. Só em 1926, no 3º congresso do partido, em Lion, foi elaborada uma análise do fascismo que, até os nossos dias [1970] guarda importância e atualidade. Mas ela chegou tarde. Gramsci foi preso alguns meses antes; e a noite fascista deveria durar 17 anos, até 25 de julho de 1943.⁶

Continuo minha aflita pergunta: com a gravíssima crise econômica (país voltando ao mapa da fome, aumento da miséria, da violência, desemprego recorde, inflação), crise sanitária, hídrica, energética, moral e política (ascensão do neofascismo) e poderíamos acrescentar aqui *todos* os adjetivos *negativos*, já que passamos talvez por um dos piores e mais regressivos períodos da História do Brasil, e não há gente nas ruas? Como se explica isso? As ruas deixaram de ser palco de protestos? Alguém poderá alegar que movimentos sociais não são *atos reflexos pavlovianos* (respostas imediatas) e, nem sempre estão ligados a questões econômicas. Sem contar que talvez a esquerda esteja melancólica, desanimada, acumulando graves derrotas, portanto, sem energia e muito menos entusiasmo para ir às ruas. Não seremos, enquanto geração (a juventude, mas aqui não pouparei os/as velinhos/as e os adultos de um modo geral), responsabilizados/as por termos deixado o neonazismo passar, avançar e firmar suas raízes?

Difícilmente, conseguirei responder a essa ambiciosa pergunta do início da segunda década do século XXI. Talvez caiba à imaginação criadora das/os próprias/os jovens responder, sobretudo porque é a juventude que possui a intimidade que se tornou necessária (ou não?) com as novas tecnologias. É quase certo que os movimentos sociais da nossa contemporaneidade não possam mais abrir mão destes poderosos instrumentos tecnológicos que são as redes sociais. Saberão os/as manifestantes utilizar a “nosso” (quero dizer: da democracia) favor essas maquininhas infernais que entraram, aparentemente, para sempre em nossas vidas, em nosso cotidiano? Será que essas maquininhas são passíveis de utilização... “democrática”? Será que elas não permanecerão, digamos, *reféns* da sua lógica de origem, i.e., da “gigantesca estrutura técnico-científica, econômica”,⁷ como descreveu Marilena Chauí, cuja sede é o

⁶ MACCIOCCHI, M-A. *Éléments pour une analyse du fascisme*. Tomo I. Seminário em Paris VIII – Vincennes, 1974-1975. Paris: Éditions 10/18, 1976, p. 25. Retomei a leitura desse livro, de que já tinha quase me esquecido, a fim de tentar entender a escalada neonazista no Brasil.

⁷ Trata-se de uma poderosíssima entrevista, publicada na revista CULT, em agosto de 2013, feita a Marilena Chauí pelo jornalista Juvenal Savian Filho [SAVIAN, Juvenal. Pela responsabilidade intelectual

“império” estadunidense? No final das contas, não estarão as redes sociais a serviço do mercado capitalista, favorecendo os lucros, a cada dia, maiores, dos grandes grupos financeiros internacionais, oferecendo-se como instrumentos poderosos para facilitar a guerra híbrida contra as frágeis democracias dos países pobres periféricos? Voltarei a este ponto mais adiante.

Passei as semanas que precederam a minha palestra no Colóquio, refletindo sobre essa pergunta e mais do que isso, acabei retornando às jornadas de junho de 2013. E por que voltei a 2013? Por um motivo óbvio: em 2013, houve um indubitável protagonismo juvenil! Foi, sobretudo, a juventude que ocupou as ruas! Talvez tenha sido a primeira vez, em suas vidas recentes, que aquela geração descia às ruas! A velha e desconfiada *esquerda*, como, por exemplo, eu mesma e meu companheiro (que já estamos naquela faixa etária que, para dar uma referência atual: foi a primeira a ser vacinada), nós ficamos em casa, resmungando! Repetindo aquela frase horrível dos velhos desesperançados: “Não vai dar certo, não vai dar certo!” Especialmente, quando soubemos que as bandeiras (sobretudo, as vermelhas) dos partidos políticos (PT, PC do B etc.) estavam *proibidas* nas manifestações! Houve discussões acaloradíssimas dentro de casa, e nós, pensando junto com Marilena Chauí e muitos outros amigos e amigas: é o fascismo despontando no horizonte, a farsa do *movimento único a-partidário*, *colocando-se acima da política*, das instituições políticas!

Estava mais ou menos parada aí nesse ponto, confesso, quando me propus a abordar de novo (uma vez que em 2018, já havia me debruçado um pouco sobre 2013, ao participar de um evento em comemoração aos 50 anos de Maio 68)⁸ esse espinhoso tema que, de certa forma, dividiu a esquerda, ao renovar aquele típico e jamais superado “conflito entre gerações”, que retorna de modo cíclico, queiramos ou não. Continuava a pensar que não havia dúvida de que aquelas manifestações de 2013 tinham ajudado a fragilizar o já frágil-fragilíssimo pacto que mantinha ainda no poder, isto é, no governo,

e política. Entrevista a Marilena Chauí. *Revista CULT*, n. 182, ago. 2013, pp. 8-9]. Entre outros perigos apontados pela filósofa, não entre os menores, está o da ignorância técnico-científica sobre os próprios meios utilizados, as redes sociais, e a total impossibilidade de controle econômico dos mesmos pelos/as seus/suas usuários/as. Chauí dava como exemplo (e prova dessa ameaça), naquele mesmo ano de 2013, a revelação pelo *WikiLeaks* da espionagem planetária estadunidense, sofrida pela presidenta do Brasil, Dilma Rousseff e pela chanceler alemã, Angela Merkel. Chauí chamava a nossa atenção para os riscos de minimizar essa “descoberta”.

⁸ O resultado daquele evento “Mostra 68 e depois”, foi publicado nos *Cadernos benjaminianos*, vol. 15 (n. 1), 2019: FIGUEIREDO, Virginia. “1968, o ano que ainda não começou – Comentário ao filme *Mourir à trente ans*, de Romain Goupil.” Algumas reflexões presentes neste trabalho tiveram início ali. [<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/15096>].

um partido que, se já não podia ser designado de *esquerda* (muita gente já questionava, com razão, a política econômica do governo Dilma), por outro lado, todo mundo sabia que os governos do PT tinham sido os únicos, desde a era Vargas, a se preocuparem com o social, a tentarem dar soluções a *problemas urgentes e inadmissíveis* num país rico, como são os casos da fome, da extrema miséria e da profunda desigualdade. Assim como sabíamos que o combate à fome e à desigualdade social deveria estar presente em todo e qualquer programa político que se pretendesse “progressista”.

Resolvi, então, fazer

A pergunta inversa

Antes de fazê-la, gostaria de agradecer algumas pessoas que cooperaram de maneira decisiva, não só para a escrita deste texto, como também, em certa medida, para alterar um pouco a minha perspectiva. Chamo atenção para isso! O que hoje apresento aqui é um ponto de vista diferente do que tinha em 2018, quando escrevi sobre os 50 anos de Maio 68, e mais ainda, em 2013, quando as discussões ferviam dentro da minha casa! Reconheço que ainda é frágil, muito frágil a elaboração (a que fui capaz de realizar) após as conversas que tive pelo telefone e/ou WhatsApp, que vão constituir a última parte da minha breve e pequena intervenção nesse colóquio sobre o difícil tema da juventude! Para fazer essa pergunta inversa, decidi conversar com algumas pessoas que *participaram ativamente das manifestações de 2013*; pessoas como a professora Débora Danowski, amiga de longuíssima data, o Rodrigo Nunes, professor também da PUC-RJ, com quem a Débora me pôs em contato. Agradeço ainda o meu ex-aluno, Leandro Lellis, que passou 2 horas comigo no telefone me dando tanta informação que talvez só consiga transmitir a vocês uma parte mínima delas; ao meu filho, Pedro Veras, com quem habitualmente retomo a conversa sobre o tema, desde de Junho de 2013; e à preciosa, generosíssima conversa com Paula Kimo,⁹ amiga do Pedro. Agradeço ainda a muitos outros que, provavelmente, estou esquecendo aqui.

⁹ Paula Kimo é Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFMG e defendeu uma Dissertação justamente sobre a questão das imagens produzidas nas Jornadas de 2013: “Modulações das Imagens Insurgentes: a variação do antecampo nos atos de disputa política”. [<https://www.escavador.com/sobre/2036958/paula-de-souza-kimo>]. Consultado em 8 de novembro de 2021.

Vamos à pergunta que inverte o título deste texto. Qual é ela? – É a mesmíssima pergunta do ex-candidato à presidência da república pelo Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad que, num artigo publicado pela Revista Piauí em 2017, se espantava: “como explicar a explosão de descontentamento ocorrida em junho [2013/vf], expressa na maior onda de protestos desde a redemocratização?”¹⁰ E ele continuava, exprimindo a sua surpresa: se “o desemprego, estava num patamar ainda baixo; a inflação, embora pressionada, encontrava-se em nível suportável e corria abaixo dos reajustes salariais; os serviços públicos continuavam em expansão, e os direitos previstos na Constituição seguiam se ampliando?”¹¹ Se tentarmos comparar as Jornadas no Brasil de 2013 às mobilizações ocorridas em “junho de 2010 no Egito, em toda a [chamada] *Primavera Árabe*, dos *Indignados* na Espanha e *Occupy* nos EUA (2011)”,¹² constataremos que, na maioria dos casos, como por exemplo, o dos *Indignados* da Espanha, o movimento ocorreu em resposta à crise econômica e ao aperto fiscal!¹³ No entanto, nada disso estava acontecendo no Brasil! Ao contrário, vivíamos uma espécie de prosperidade econômica, segundo várias avaliações (e não somente a de Fernando Haddad)!

Talvez, possamos comparar as Jornadas de 2013 com o Maio 68 na França, como também foi sugerido, no Prefácio do número 678 da Revista *Les temps modernes*, publicado em junho de 2014, organizado pelo professor Rodrigo Nunes:

Não era maio, era junho. Não era 1968, mas, 2013. Não era França, mas era Brasil. No entanto, nos dois casos, uma reivindicação *proveniente da juventude*, sobrevinda num contexto econômico antes (*plutôt*) favorável, desencadeia (*donne lieu*) um movimento social de amplitude considerável, que surpreende não só seus comentadores, mas também seus atores. 2013, o ano que não termina, diz-se no Brasil: pois o que se produziu desde então, está longe de estar concluído, a atualidade o atesta.

Nos dois casos, são acontecimentos históricos cujas causas ainda hoje nos surpreendem e continuam em parte inexplicáveis; além disso, são acontecimentos cujas consequências perduram no tempo e, ousaria dizer, ainda não foram absorvidas pela sociedade. No artigo que já mencionei aqui, também fiz essa comparação (entre 2013 e 1968). Abaixo reproduzo alguns parágrafos, aos quais, de lá para cá, não consegui

¹⁰ HADDAD, Fernando, “Vivi na pele o que aprendi nos livros”. Revista *Piauí*, junho de 2017.

¹¹ *Ibid.*

¹² RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014, p. 81.

¹³ *Id.*, p. 85.

acrescentar muita coisa. Nele, avantei a possibilidade de os/as jovens estarem à procura de novos *modos de existência*, tentando “aplicar” esse conceito deleuziano (com uma admirável posteridade) ao movimento cuja característica mais notável e, aliás, a mais criticada, foi a sua pauta múltipla, sua incontável diversidade! As “vidas possíveis”, os novos “modos de existência”, reivindicados, talvez, pelos/as manifestantes eram as vidas *diversas, múltiplas*, livres do modelo predominante europeu-colonizado/r, masculino, branco, ocidental.

No filme de João Moreira Sales (JMS), *No intenso agora*, assim como no excelente filme *Mai 68 – les coulisses de la révolte* (Maio de 68 – os bastidores da revolta),¹⁴ a observação sobre a prosperidade econômica é repetida, e ouvimos: “A França se entedia”, como estampava a manchete de um jornal. Eram os chamados “30 anos gloriosos”. Não havia desemprego, a economia avançava a índices chineses, como diríamos atualmente. Era o chamado Estado do Bem-Estar Social e, no entanto, aquele movimento queria dizer que, pelo menos, da parte dos manifestantes (majoritariamente jovens, estudantes, secundaristas ou universitários), *não estavam satisfeitos! Estavam em busca de novos modos de existência*. Mas, não vou reduzir, longe de mim, o Maio 68 a um movimento somente “comportamental”, encarando-o apenas do ponto de vista “pueril e superficial dos fatos” (como li na *Carta Maior*).¹⁵

Uma coisa era certa, indubitável: a agenda das manifestações de 2013 não era mais clássica, imediatamente econômica, mas seria uma agenda *exclusivamente política*? Pergunto: *Urbana*? Começando pela questão do transporte público! Mas, a questão da terra dos povos indígenas? Também não estava presente e de forma potente? Voltarei a esse ponto! Em todo caso, emerge uma pauta urgente, inadiável, múltipla, diversa e “minoritária”.¹⁶ que ia desde a diminuição do preço das passagens de ônibus, onde tudo parece ter começado, até as pautas dos movimentos LGBTQI+, indígenas, feministas, ecológicas etc. Muito diferentes das pautas das greves de trabalhadores por aumento de salário ou dos movimentos contra a carestia do final dos anos 1970 ou

¹⁴ *Mai 68 – les coulisses de la révolte* (*Maio de 68 – os bastidores da revolta*). Esse filme, dirigido por Emmanuel Amara, feito em comemoração aos 50 anos do Maio 68, foi exibido na semana entre os dias 7 e 12 de maio de 2018, pelo Canal Cinco francês (TV5), para a América Latina.

¹⁵ Em várias edições, distribuídas por vários dias de maio de 2018, o jornal on-line *Carta Maior* publicou um denso e aprofundado dossiê sobre Maio 68, sobretudo na França e no Brasil, com a participação de vários intelectuais, jornalistas e políticos.

¹⁶ “Minoritária”, no sentido em que Deleuze e Guattari escreveram em *Kafka, por uma literatura menor*, o que quer dizer, não numérico ou estatístico, oposto à maioria, mas no sentido *político*, do confronto com o senso comum, com a língua e a ideologia dominante (DELEUZE, G.; GUATTARI. *Kafka, por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. 1 ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015).

mesmo das manifestações políticas pelas “Diretas, já”, na década de 1980 (onde a pauta era praticamente única: abaixo a ditadura!).

Falta-nos com certeza ainda muita análise para clarificar. Faltam-nos conceitos! E vocês poderão perguntar: é importante conceituar? – Talvez não! Em todo caso, temos de compreender... E compreender significa, muitas vezes, conceituar.¹⁷

Em mais uma tentativa de compreender esse evento “Jornadas de Junho de 2013 no Brasil” que não deixava de “repetir” o enigmático, em certo sentido, “Global Maio 68”, cito o parágrafo de um minúsculo texto de Deleuze (justo esse filósofo que afirmou ser a grande tarefa da filosofia a de “criar conceitos” e eu não deixo de estar profundamente de acordo com ele... Com a ideia de que, para pensar situações e problemas novos, temos de *criar novos conceitos* – mas isso seria outra longa discussão), sobre Maio 68, já citado na epígrafe. Talvez, ele nos lance alguma luz:

Maio de 68 é da ordem de um *acontecimento puro*, livre de qualquer causalidade normal ou normativa. A sua história é uma ‘sucessão de instabilidades e de flutuações amplificadas’. Houve muitas agitações, gesticulações, falas, besteiras, ilusões em 68, mas não é isso que conta. O que conta é que foi um fenômeno de *vidência*, como se uma sociedade *visse* (quero enfatizar esse verbo, essa função estético-política do ver, da imagem que teve uma enorme importância!), de repente, o que ela tinha de intolerável, e visse também a possibilidade de outra coisa. É um fenômeno coletivo na forma de: “Um pouco de possível, senão eu sufoco...” *O possível não preexiste, é criado pelo acontecimento*. É uma questão de vida. *O acontecimento cria uma nova existência, produz uma nova subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...)*.¹⁸

Terão sido as jornadas de junho de 2013, no Brasil, a exemplo do maio 68 na França, “um acontecimento puro”, irreduzível a qualquer causalidade ou determinismo? O que Deleuze quer dizer exatamente com a ideia de “acontecimento puro”? Significa sobretudo que ele não é consequência, não é um efeito de causas históricas, precedentes, mas é ele que é “abertura do possível”, é ele que desencadeia os novos fenômenos, talvez seja *nele* que a história se origine. “O possível”, continua Deleuze, “não preexiste” ao acontecimento, o possível “é *criado* pelo acontecimento, que “produz

¹⁷ FIGUEIREDO. “1968, o ano que ainda não começou”, *op.cit.* Os parágrafos foram ligeiramente modificados.

¹⁸ DELEUZE, G. *Maio 68 não ocorreu*. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa. *Op.cit.* Grifos meus.

novas subjetividades, novas relações com o corpo, com o tempo, com a sexualidade, a cultura, o trabalho...” O acontecimento, as jornadas de 2013 mostraram, tornaram visível muita coisa “intolerável”, que a nossa sociedade, profundamente conservadora, teria preferido manter escondido, encoberto, marginalizado, invisibilizado embaixo do tapete: o racismo, o machismo, o patriarcalismo, a misoginia. Também trouxe à tona de maneira urgente o genocídio dos indígenas e o ecocídio. Aliás, de lá para cá, “descobrimos” uma assustadora violência da nossa sociedade, desfazendo todos os mitos que nos “protegiam”, como mostraram as perspicazes análises de Jessé de Souza sobre a sociedade brasileira e que estão resumidas num artigo desse mesmo dossiê:¹⁹ o da democracia racial, o do homem cordial. De lá para cá, vimos um monstro aterrorizante saindo dos esgotos e, como se disse, dos “porões da ditadura militar”, como a ele se referiu Vladimir Safatle, na mesma revista *Les temps modernes*, remetendo-nos a Lacan: “o que expulsamos do Simbólico, retorna de modo violento no Real”.²⁰

Voltando a Deleuze, ao mesmo texto, ele faz questão de dizer que o Maio 68 não foi consequência nem efeito de uma crise, ao contrário:

[...] os impasses da crise atual [o texto de Deleuze é de 1984] na França [...] decorrem diretamente da incapacidade da sociedade francesa para assimilar maio de 68. A sociedade francesa mostrou uma radical impotência para operar, no nível coletivo, uma reconversão subjetiva do tipo que 68 exigia; sendo assim, como poderia operar atualmente uma reconversão econômica em condições de ‘esquerda’? Ela não soube *propor* nada às pessoas: nem no domínio da escola, nem no do trabalho. Tudo o que era novo foi marginalizado ou caricaturizado.²¹

Talvez, a sociedade brasileira também não tenha conseguido “assimilar” as demandas das jornadas de junho de 2013, não tenha conseguido dar uma resposta, até porque uma resposta ao “intolerável”, que tinha se escancarado e se tornado visível, dependeria de elaboração, de um lento, longo e paciente trabalho político, o oposto a que os/as jovens pareciam estar dispostos/as a fazer. Eles/as queriam uma resposta imediata! Mas, infelizmente, a sociedade não muda da noite para o dia! Paradoxalmente não são os velinhos/as que são apressados/as, mas é a juventude que costuma estar com pressa e, por isso, ilude-se quando acredita na possibilidade de uma rápida

¹⁹ SOUZA, Jessé. “Les journées de Juin et les inégalités brésiliennes”. Revista *Les Temps Modernes*, nº 678, 2014. Dossiê *Brésil 2013, l’année qui ne s’achève pas*, organizado por Rodrigo Nunes. pp. 50-59.

²⁰ Lacan, J. *apud* SAFATLE, V. “Les limites du modèle brésilien: les nouveaux conflits sociaux et la fin de l’ère LULA”, *Les Temps modernes*, *op.cit.* p. 48.

²¹ DELEUZE, G. *Maio 68 não ocorreu. Op.cit.*

transformação. A superfície pode levar a falsas ilusões. Qualquer aparência de facilidade do problema é autoritária e mentirosa. Os problemas são graves e complexos. Embora seja inconteste que tanto a Política como a Estética têm uma estreita ligação com o *visível*, com o *aparente*, que não deixa de ser uma das características do que é público, os *fenômenos* políticos e artísticos estão longe de ser somente um efeito de superfície! E digo “fenômeno” no sentido rigorosamente kantiano, ou seja, como um conceito oposto à essência obscura e incognoscível da “coisa em si”! Nem incognoscíveis, nem muito menos inacessíveis, temos de imaginar estratos, sedimentações que se superpõem, camadas muito abaixo da superfície, nas quais as verdadeiras transformações são geradas, desdobradas, exigindo de nós um imenso esforço de trabalho social e de tempo de vida. Muita coragem e ânimo para enfrentar a luta contra o neonazismo, que mostrou ter sólidas raízes na sociedade brasileira.

Conversas informais

Como Goethe, também “prefiro histórias a raciocínios”,²² por isso, vou contar a vocês um pouco das minhas conversas:

1) Da conversa com Débora, surgiu a compreensão de que as jornadas de 2013 talvez tenham sido um desdobramento dos *movimentos indígenas* que teriam atuado como uma espécie de “vanguarda revolucionária brasileira”, sobretudo, e de maneira muito surpreendente, quanto ao uso das novas tecnologias. Esses movimentos precederam as imensas manifestações nas ruas, às quais alguns indígenas também se juntaram.²³ É claro que a “lógica das redes sociais”²⁴, como a ela se referiu Rudá Ricci, já era uma

²² GOETHE, J. W. “Sobre verdade e verossimilhança das obras de arte (1798)”. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 138

²³ RICCI, R. *op. cit.* p. 22: “Uma rede gigantesca que se formou a partir destas relações individuais, grupais, íntimas. Daí que os cartazes que foram se revelando a cada manifestação indicavam que cada um ou pequeno grupo constituía uma manifestação em si. Gays e ecologistas, defensores da demarcação das terras indígenas e da causa Guarani-Kaiowá, pela tarifa zero, pelo padrão FIFA de saúde pública, contra o mau uso do dinheiro público, contra os governantes de todas as cores e agremiações, tudo cabia, tudo tinha cabimento.” Meu aluno Leandro viu na manifestação em Fortaleza (CE) até um cartaz contra o alto preço do Yakult!

²⁴ *Ibid.*, p. 21. Ricci também a denominou de “lógica do enxameamento” (p. 32): citando o “Último Blog”: “Era o sonho de uma geração tida como alienada, desinformada e apática. Mostrou exatamente o contrário. Enxameou as ruas de todas as cidades brasileiras de sul ao norte do país. Pois é, até novos termos estão sendo usados para definir ou tentar explicar o fenômeno de massas ocorrido. Enxamear é a melhor definição. O enxameamento social saiu às ruas em ondas. Sem rainhas liderando, como é o caso das abelhas. Com demandas difusas, mas com participação pacífica e organizada. Cada membro de uma passeata, cada participante das manifestações, individualmente, tinha sua própria reivindicação. Os cartazes e demandas eram feitos ali mesmo nas ruas, nas praças, onde o enxame se reunia para caminhadas e protestos que enxamearam o país.”

característica dos inúmeros movimentos ocorridos pelo mundo afora. E que um dos aspectos não desprezível dessas manifestações é o *mimetismo*²⁵ que extrapola as fronteiras! O mundo já havia testemunhado algo semelhante em 1968! Mas é interessante pensar neste pioneirismo, prenúncio ou precedência indígena. Nesse contexto, cabe lembrar também da poderosa frase de Eduardo Viveiros de Castro, “os indígenas não são o passado do Brasil, mas seu futuro”.²⁶ Frase citada no ensaio de Idelber Avelar, no dossiê, ao qual já me referi várias vezes, da Revista *Les Temps modernes*. Ainda nessa mesma revista, que me forneceu preciosas informações sobre 2013, e no mesmo sentido dessa valorização da participação dos movimentos indígenas e a favor da demarcação das terras, há o ensaio de Oiara Bonilla. Ela escreveu sobre a invasão do congresso pelos indígenas,²⁷ em 16 de abril de 2013, acontecimento sintomaticamente esquecido pela sociedade brasileira, analisando a ação dos indígenas como uma “estratégia de *desinvisibilização* e apropriação das novas tecnologias”. Mas, antes de abril de 2013, em outubro de 2012, ela nos conta:

[...] quando, após o recebimento de liminar negando-lhes o direito de permanecer em suas terras, os Guarani de Pyelito Kue postaram uma carta na internet em que disseram estar dispostos a morrer se tivessem de deixar suas terras. Esta carta provocou uma grande mobilização que levou milhares de pessoas a divulgar a hashtag "somos todos guaranikaiowá" ou a adicionar aos seus nomes o de Guarani-Kaiowá em seus perfis das redes sociais.

Cito mais um trechinho do importante ensaio de Oiara Bonilla voltando a abordar a *invisibilidade* do *Outro*, da *Alteridade*, a que estão submetidos os povos indígenas na nossa sociedade:

Esta invisibilidade histórica decorre, em nossa opinião, do que Bruno Latour chamou de ‘a paz dos modernos’, uma paz estabelecida por um mundo fundado na razão e na ciência (biológica ou econômica) e onde ‘tolerar o Outro’ (os irracionais, os selvagens, primitivos, minorias, os pobres), é aderir a grandes discursos pacificadores e universalistas de direitos humanos e pertencer a um mundo comum. Mas este mundo

²⁵ Uma prova desse mimetismo, ocorrida no contexto mesmo da “Primavera Árabe”, foi o suicídio na manhã do dia 17 de dezembro de 2010, de Mohamed Bou Azizi, como nos conta Rudá Ricci (Ibid., p. 92-93): “vendedor ambulante de 26 anos [que] teve suas mercadorias confiscadas pela polícia, logo depois de se recusar a pagar a propina exigida. Em seguida, farto do descaso público, ateou fogo em si mesmo. O protesto foi registrado em vídeo e foi disseminado pela internet, gerando uma sucessão de suicídios e protestos.”

²⁶ VIVEIROS DE CASTRO, E. “A indianidade é um projeto de futuro, não uma memória do passado”. Entrevista a Pádua Fernandes publicada na Revista *Prisma Jurídico*, (2011) *apud* AVELAR, Idelber. “*L’ombre de la dictature*”, *Les Temps modernes*, *op.cit.*, p. 107.

²⁷ BONILLA, O. “*L’invasion du congrès: contre qui luttent les indiens*”, *Les Temps modernes*, *op. cit.* p. 119.

universal e ‘tolerante’ dos modernos é *um mundo projetado pela própria imagem*, e que aceita a existência do Outro apenas com a condição para incluir isso em sua própria elaboração do que é mundo.²⁸

2) Da conversa com o professor Rodrigo Nunes, com quem Débora me pôs em contato, o mais importante, além de uma breve, mas gentilíssima troca de mensagens via WhatsApp, foi a “descoberta” (sou sempre ignorante) importantíssima do excelente número (sobre as Jornadas de 2013 no Brasil), da Revista *Les Temps Modernes*, organizado por ele mesmo. Quase imediatamente, Rodrigo colocou esse maravilhoso dossiê (o qual aconselho vivamente a quem tiver algum interesse no tema) à minha inteira disposição.²⁹ Muito do que aprendi para escrever esse texto se deveu à leitura dos agudos ensaios, dentre os quais destaco, sem excluir os outros (trata-se de uma brilhante coletânea, aproveito para parabenizá-lo pela organização desse *Intenso Volume*): os do próprio Rodrigo Nunes, da Oiara Bonilla, do Vladimir Safatle, do Marcos Nobre, Jessé de Souza, e todos outros.

3) Da longuíssima conversa com meu ex-aluno Leandro Lelis Matos,³⁰ foram muitas observações e detalhes que consumiriam todo o tempo de que disponho aqui se fosse transmiti-las a vocês, por isso, vou recortar somente um dos inúmeros aspectos que Leandro abordou na nossa conversa sobre 2013, que é o da “guerra híbrida”!³¹ A convicção dele é a de que as manifestações de 2013 já estavam sendo financiadas pela extrema-direita internacional (Departamento de Estado Estadunidense, Steve Bannon etc.) através das redes sociais. Hoje temos conhecimento, através de estatísticas, que mais de 80% dos conteúdos que são transmitidos pelas redes sociais são de direita,

²⁸ Ibid., p. 120.

²⁹ Se não fosse essa gentileza, dificilmente, antes do Congresso, teria conseguido acesso a esse instrutivo dossiê.

³⁰ Leandro Lelis Matos é Doutor em Filosofia pela UFMG. Possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013) e graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2009). Atua nas áreas de Estética e Filosofia da arte, Filosofia francesa contemporânea, em especial no pensamento de Gilles Deleuze. Cf. CV Lattes. Disponível em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>>. Acessado em 8/11/2021.

³¹ Não nos mesmos termos, mas analisando o mesmo panorama mundial que afeta diretamente o Brasil, Boaventura Sousa Santos referiu-se à luta global contra a corrupção como a versão mais recente da guerra defensiva do império norte-americano contra seus inimigos reais ou imaginários. Essa suposta luta global (liderada pelos EUA) para promover a democracia no mundo foi precedida, em primeiro lugar, pela guerra contra o comunismo, seguida, por sua vez, pela guerra contra o narcotráfico e as drogas e, finalmente, contra o terrorismo. Todas essas guerras foram nada mais nada menos do que uma velada luta pelo poder. Entrevista a Gustavo Conde, no programa “Bom para todos”, da TVT: “O reencontro do Brasil com o mundo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_SqneclLNZU>. Acessado em 28/01/2022.

confirmando, não só a impressão que tínhamos naquela época, como fatos, tais como o nascimento de movimentos de extrema-direita: o MBL e o *Vem para a rua*. Outro claro propósito da guerra híbrida, segundo Leandro, era o de *instabilizar* governos “social-desenvolvimentistas”³² (para utilizar um sugestivo termo cunhado por Marcos Nobre) na América Latina. Ele estabeleceu uma convincente cronologia (bem diferente da minha amiga Débora, cujo foco havia sido o movimento indígena) dessa *Guerra híbrida* que ia desde o suspeitíssimo roubo dos computadores dos engenheiros da Petrobrás (2008)³³; passando pela visita de Joe Biden, ainda como vice-presidente de Obama, ao Brasil, em maio de 2013, anunciando que “as relações entre o Brasil e os EUA não seriam mais as mesmas”; até a “escala” da embaixadora americana no Brasil, Liliane Ayalde, entre 2013 e 2016, vinda do Paraguai, onde o presidente Fernando Lugo também sofrera um golpe em 2012. A narrativa de Leandro ligou com muita plausibilidade vários fatos, como a descoberta do pré-sal, espionagem da Petrobrás e da presidente Dilma Rousseff, que explicam, segundo uma determinada perspectiva, tudo o que se passou no Brasil. Só para resumir: golpe, destruição da economia e das maiores empresas de construção do país, eleições fraudadas em 2018, ascensão do neonazismo, cumprindo à risca o prognóstico de Gramsci já referido antes, de que “*o fascismo [é] um estado natural de desenvolvimento do capitalismo*”. Portanto, conclui-se que o programa neoliberal, fase cruelíssima e desumana do capitalismo, só pode ser imposto à força, autoritariamente, às custas do fascismo.

³² NOBRE, M. “*La redémocratisation est terminée, la démocratisation commence*”, *Les Temps modernes*, *op.cit.*, p. 136.

³³ “A Associação dos Engenheiros da Petrobrás (Aepet) informou que, nos últimos 18 meses, três técnicos ligados à empresa foram vítimas de ladrões que roubaram apenas os laptops. ‘De repente, técnicos envolvidos com a área (exploração de petróleo) têm a sua casa assaltada e roubaram (sic) só o laptop, quer dizer, parece um roubo dirigido’, argumentou Fernando Siqueira, presidente da Aepet.” Antes disso, outro roubo de computadores havia ocorrido no transporte entre o porto de Santos e a sede da Halliburton em Macaé, no norte fluminense: “Os computadores e os pentes de memória estavam num contêiner que foi arrombado. As empresas responsáveis pelo transporte, a americana Halliburton (cujo CEO era o empresário estadunidense Richard Bruce Cheney) e a Transmagne, ainda não se pronunciaram sobre o roubo.” *Outros três engenheiros da Petrobrás foram roubados, diz associação*. G1, 18 fev 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL304202-9356,00-OUTROS+TRES+ENGENHEIROS+DA+PETROBRAS+FORAM+ROUBADOS+DIZ+ASSOCIACAO.html>. Acessado em 27/01/2022.

4) Da valiosíssima conversa com meu filho, Pedro Veras,³⁴ e com uma amiga dele, Paula Kimo, emerge o acordo com eles de que, ainda que eu pudesse, em 2022, alegar motivos – já agora “históricos” (golpe contra a presidenta Dilma, prisão injusta do ex-presidente Lula etc.) – para manter a mesma atitude de “esquerda-desconfiada”, de 2013, hoje, eu *não poderia deixar de* concordar com ela e ele que os movimentos dos negros, das mulheres, dos indígenas, dos LGBTQI+, dos ambientalistas etc. tinham adquirido uma *maior visibilidade* a partir das manifestações de 2013. *Que aquela “invisibilidade”, da qual também Oiara Bonilla falara sobre os indígenas, havia sido, pelo menos, rompida.* O extermínio e o genocídio dos povos indígenas e dos pobres pretos das periferias das grandes cidades brasileiras (de norte a sul do país) tinham vindo à tona! Na política, visibilidade significa muita coisa. Pois, modificando um pouco a célebre expressão de Jacques Rancière, inspirada por Hannah Arendt, além do “mundo da arte”, é somente no mundo político, onde vigora a *antiga ontologia*, que se afirma: “ser é aparecer”. Então, é muito importante “aparecer”, vir à tona. Não é à toa que chamamos “manifestação” ao “conjunto de pessoas que se reúnem em *lugar público* (e o grifo é meu) para defender ou tornar conhecidos seus pontos de vista, suas opiniões”, segundo a definição do Houaiss (2001). Ninguém há de questionar que houve um avanço, uma consolidação da consciência da sociedade como um todo, de movimentos como o dos Sem Terra ou o dos Trabalhadores Sem Teto, dos coletivos das mulheres etc. É inegável! Hoje, não será mais possível fazer política sem levar em conta toda essa complexidade da nossa sociedade, que, além de exploradora capitalista do trabalho (seu aspecto econômico é inegável!), teremos de reconhecer que ela é racista, patriarcal, machista, colonialista, destruidora do meio ambiente e assim por diante. Então, a pauta política, digamos assim, complexificou-se e muito! E 2013 não deixou de *exibir de modo indefectível essa complexificação!*³⁵

Paula me contou muitas coisas sobre 2013, sobre as Assembleias populares horizontais que ocorreram em Belo Horizonte,³⁶ embaixo dos viadutos, mais de 2 mil pessoas

³⁴ Pedro Veras é Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, na linha de pesquisa Pragmáticas da Imagem. Possui graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFMG (2012). Integrante do grupo de pesquisa Poéticas da Experiência, tem como área de interesse o estudo das imagens, no cinema, na fotografia, nos quadrinhos, no vídeo e nas artes plásticas. (Cf. CV Lattes <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>>. Acessado em 8/11/2021).

³⁵ Cf. FIGUEIREDO, V. “1968, o ano que ainda não começou”, *op.cit.* Retomo aqui, modificando-as um pouco, algumas conclusões obtidas naquele artigo.

³⁶ Reproduzo, em seguida, alguns trechos da nossa conversa via WhatsApp. Por exemplo, ao contrário da notícia que soubera, em 2013, Paula me garantiu que, nas primeiras manifestações, havia bandeiras de

reunidas espontaneamente; ela fez uma linda e emocionante descrição *estética, da verdadeira explosão multi-colorida* (tenho de lembrar que Paula fez uma dissertação de mestrado sobre as imagens) das manifestações (das cores que começavam com o *preto* dos grupos anarquistas, verdadeiros *abre-alas* da passeata, ao *verde-amarelo*, que vinha por último, atrás da multidão multicolorida, e que hoje sabemos, eram as antigas cores do Brasil apropriadas pelos fascistas repugnantes). Ela falou emocionada desse primeiro grupo “na linha de frente, abrindo espaço para o povo passar, protegendo a multidão, o dos Blocos Pretos (os *Black Blocks*),” em seguida, continuou: “a outra camada, de grupos menores, claramente posicionados à esquerda, pequenos grupos auto-organizados, depois, uma camada de partidos com as bandeiras [predominantemente vermelhas, acrescento agora para que não nos esqueçamos disso! Movimentos sociais carecem de organizações político-partidárias! Nenhuma ação social sai vitoriosa sem organização política. Não nos enganemos, nem acreditemos em movimentos que se auto-intitulem “apartidários”, pois como constatamos – dura lição histórica - eles são uma fácil presa, vítima desprotegida, das armadilhas montadas pelo poder das estruturas conservadoras]: PSTU, PT, Psol, PC do B; depois ainda, uma camada de pessoas que eram de esquerda, mas que não tinham coragem de estar à frente, não estavam auto-organizadas, não eram de partido algum, camada na qual eu situo o meu [dela, da Paula] irmão que é uma pessoa de esquerda, jovem trabalhador periférico e que não tem muito tempo para as coisas da política, que viu uma oportunidade de ir às ruas [... e pensar] ‘olha, eu também faço parte disso’ [...] meu irmão que simplesmente votava na esquerda, mas nunca falou de política. Depois, lá atrás, vinha uma camada de gente estranha, que vestia verde-amarelo. E essa camada, a cada manifestação ia aumentando, a gente não entendia o que era aquilo. O que é que essas pessoas de verde-amarelo estão fazendo aqui? E aí, foi tudo muito rápido. Foram 8 manifestações em apenas dois meses [...] Esse bloco [preto] aqui da frente era muuuito maior... E a polícia foi para cima desse bloco que estava na frente... Quem estava lá atrás não apanhava, ou, às vezes, só para produzir uma imagem... E foi essa camada verde-amarela que começou a colocar os P2 (os policiais infiltrados) que danificavam o patrimônio público, de modo a responsabilizar o povo aqui da frente... Pondo a culpa no povão sem partido... E quando começa a confusão, o sujeito político se perde... Porque aí é no corpo, né? É mais inconsciente...”

vários partidos políticos, sobretudo, de esquerda. Só aos poucos é que começou aquele mal-estar e o pedido (de quem? Pergunto. E mais: por que obedeceram?) que as bandeiras não fossem agitadas.

Conclusão

Depois de transcrever fragmentos dessa conversa com Paula Kimo, creio que seja a hora de saltar para a conclusão. A conversa emocionante que tive com essa jovem artista, militante feminista de esquerda, garantiu-me que aquelas forças (aprendo com ela o nome que devo dar a elas, o nome de “utopia”, como ela mesma sugeriu, ou de “esperança”, acrescentei) que entusiasmaram e movimentaram 2013, continuam a atuar de modo mais disperso, no microcosmo, não exatamente de modo *secreto* mas, *discreto*, nos pequenos grupos, como é exemplo o caso do *Espaço Comum Luiz Estrela*, que é um espaço cultural livre auto-gestionado, que nasceu de uma Ocupação em outubro de 2013, de um casarão abandonado, em BH,³⁷ no qual Paula ainda atua vivamente. Tudo isso me fez lembrar de um belo livro, *Hope in the Dark* (Esperança no Escuro), que foi aliás um belo presente da professora Déborah Danowski, cujo subtítulo é: *Untold histories, wild possibilities* (histórias não contadas, possibilidades selvagens/ incomuns/ fora do comum. É difícil traduzir a palavra “wild”).

Na contracapa desse livro há três comentários que talvez resumam a minha interpretação um pouco mais otimista ou esperançosa, um pouco mais confiante na imaginação utópica da juventude.

Com *Hope in the Dark*, Rebecca Solnit defende radicalmente a *esperança como um compromisso de agir num mundo cujo futuro permanece incerto e incognoscível*. Baseando-se em décadas de ativismo e numa ampla pesquisa da história ambiental, cultural e política, Solnit argumenta que os radicais têm um longo e frequentemente esquecido saldo de vitórias transformadoras, que as consequências positivas de nossos atos nem sempre são imediatamente mensuráveis e que o abraçar a incerteza é uma atitude mais útil e mais aguda do que o otimismo passivo ou o pessimismo e o desespero.

A esperança não é uma garantia para o amanhã, mas um disparador/detonador (*detonator*) de energia para a ação hoje. (John Berger)

Hope in the Dark mudou minha vida. Durante um período de cinismo generalizado e desespero político, a primeira edição deste livro forneceu-me um modelo de ativismo engajado que assumi para

³⁷ Cf. Nossa história. Disponível em: <<https://espacocomumluizestrela.org/nossa-historia/>>. Acessado em 8/11/2021.

sempre... Apesar de todos os obstáculos, não devemos perder de vista o fato de que uma transformação profunda é possível. (Astra Taylor)³⁸

Talvez, movimentos como o Maio 68 e as Jornadas de 2013 sejam acontecimentos desse tipo, a desencadear possibilidades selvagens noutro tempo e lugar... Os quais, para designar, só disponho de uma expressão paradoxal, a de uma “memória do futuro”. O sentido de um acontecimento histórico só se completa no futuro, talvez *não somente* na história imediata, infeliz e empírica (a que ocorreu, no nosso triste caso, foi a da ascensão do fascismo!). Atenção: não estou negando que haja um possível elo entre o que está acontecendo atualmente no país e as Jornadas de 2013. Houve talvez alguma irresponsabilidade, consequência inevitável da ingenuidade e da inexperiência juvenis, mas quero insistir, junto com muitos/muitas intérpretes daquele movimento, como por exemplo, aqueles/as reunidos/as no volume da revista *Les Temps modernes*, que o sentido do acontecimento histórico “Jornadas de Junho 2013” ainda não se completou, que ele permanece imanente, latente, à espera daqueles e daquelas que virão puxar os fios que ficaram contidos em germe.

E para garantir a retaguarda das manifestações que estão por vir, teremos de expulsar das ruas deste país a cambada dos canalhas verde-amarelos! Vou terminar fazendo uma convocação aos/às jovens deste país: “Vamos! Apressem-se!”³⁹

P.S. Algum tempo depois de ter enviado este texto para publicação, no momento da revisão final, dou-me conta de uma contradição que tinha me escapado totalmente e sobre a qual o texto se assentou. A contradição era grave, mas, talvez, inevitável. Tratava-se do conceito de “acontecimento puro”, através do qual Deleuze pretendeu caracterizar o Maio 68 na França (e talvez no mundo, não sei). O conceito me fascinou e me apaixonei por ele à primeira vista, de modo precipitado e acrítico, para dizer o mínimo! Acreditei poder “aplicá-lo” perfeita e adequadamente às Jornadas de 2013, no

³⁸ SOLNIT, Rebecca. *Hope in the Dark. Untold histories, wild possibilities*. Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2016.

³⁹ Cf. FIGUEIREDO, V. “1968, o ano que ainda não começou”, *op.cit*, p. 56. Refiro-me, mais uma vez, à cena emocionante do filme *Mourir à trente ans*, que descrevo a seguir: “vemos um aluno que se levanta no meio da sala de aula e ouvimos um grito: “*Allez! Dépêchez-vous!*” (“Vamos! Apressem-se!”). Grito que ressoa irreprochavelmente histórico! Chamando os jovens para tomarem com urgência as ruas de Paris! As cenas que se seguem mostram a correria dos secundaristas pelas escadarias das escolas, atendendo à convocação para uma das primeiras manifestações do maio (dia 6) 68 em Paris. Absolutamente maravilhosa e contagiante a cena dessa corrida, acompanhada por um trecho, cuidadosamente escolhido pelo diretor Romain Goupil, da ópera *Carmen* de Bizet: “*La cloche a sonnée*”, ária cantada por um coro de crianças.”

Brasil! No entanto, *après coup*, menos apaixonadamente, pensei que, levado às últimas consequências, o conceito de “acontecimento puro” não poderia caracterizar um acontecimento histórico. E as Jornadas de 2013 (assim como o Maio 68) eram, sem sombra de dúvida, acontecimentos *históricos*. Ainda que fossem acontecimentos “inaugurais”, que tivessem *iniciado* – estivessem na “origem” de – inéditos acontecimentos, desdobramentos inauditos, novos “modos de existência”, *historicamente* eles não tinham surgido do “nada”. Ainda que estivessem voltados para o futuro, que encarnassem as sementes do porvir, não era possível um acontecimento histórico ocorrer sem causas, sem “adágios” que o precedessem. Como diria Guimarães Rosa, até uma “revolução é um acúmulo de adágios”. Ao designar o acontecimento de “puro” e relacioná-lo exclusivamente ao futuro, cortando os laços com o passado, Deleuze estaria capturando-o para a esfera “filosófica”, retirando-o da dimensão “histórica”?

E pensando nas possíveis consequências dessa “operação”, desconfiando da possibilidade de ela repetir aquela velha fórmula do enobrecimento do “puro” (na terminologia kantiana: “transcendental” ou “a priori”) em detrimento da história, da dimensão inevitavelmente empírica (“impura”?) do acontecimento, tratada com desprezo ou desdém, enfureci-me! Vi-me na obrigação de renegar, ainda que parcialmente, aquele gesto ou operação filosófica! Por um triz, não renunciei à publicação deste texto! Isso teria ocorrido se eu não tivesse constatado, ao mesmo tempo, com bastante ironia, que, apesar de ter assumido a “tese” deleuziana e ter querido interpretar as Jornadas de junho de 2013 no Brasil como um “acontecimento puro”, eu havia buscado, desesperadamente, ao longo do texto inteiro, numa evidente contradição com a “tese filosófica”, as possíveis “causas históricas” (nos movimentos indígenas? Na guerra híbrida? Na movimentação espontânea e equivocadamente “apartidária” da juventude, convocada pelas redes sociais?) do acontecimento em questão. Salva pela contradição insolúvel, sorri.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Idelber. “L’ombre de la dictature”, *Les Temps modernes*, nº 678, 2014.
- BONILLA, O. “L’invasion du congrès: contre qui luttent les indiens”, *Les Temps modernes*, nº 678, 2014.
- DELEUZE, Gilles. “Mai 68 n’a pas eu lieu”. In: *Deux régimes de fous*. Paris, França: Editions Minuit, 2003, p. 216. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa: (“Maio 68 não ocorreu”. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*. 1º quadrimestre de 2015. Volume 8, nº 1, p. 119).
- DELEUZE, G.; GUATTARI. *Kafka, por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. 1 ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FIGUEIREDO, Virginia. “1968, o ano que ainda não começou – Comentário ao filme *Mourir à trente ans*, de Romain Goupil.” *Cadernos benjaminianos*, vol. 15 (n. 1), 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/15096>>.
- GOETHE, J. W. “Sobre verdade e verossimilhança das obras de arte (1798)”. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- HADDAD, Fernando, “Vivi na pele o que aprendi nos livros”. *Revista Piauí*, junho de 2017.
- MACCIOCCHI, M-A. *Éléments pour une analyse du fascisme*. Tomo I. Seminário em Paris VIII – Vincennes, 1974-1975. Paris: Éditions 10/18, 1976.
- NOBRE, M. “La redémocratisation est terminée, la démocratisation commence”, *Les Temps modernes*, nº 678, 2014.
- Outros três engenheiros da Petrobrás foram roubados, diz associação*. G1, 18 fev 2008.
- RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014.
- SAFATLE, V. “Les limites du modèle brésilien: les nouveaux conflits sociaux et la fin de l’ère LULA”, *Les Temps modernes*, nº 678, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Entrevista a Gustavo Conde, programa “Bom para todos”, TVT: “O reencontro do Brasil com o mundo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_SqneclLNZU>. Acessado em 28/01/2022.
- SAVIAN, Juvenal. Pela responsabilidade intelectual e política. Entrevista a Marilena Chauí. *Revista CULT*, n. 182, ago. 2013.
- SOLNIT, Rebecca. *Hope in the Dark. Untold histories, wild possibilities*. Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2016.
- SOUZA, Jessé. “Les journées de Juin et les inégalités brésiliennes”, *Les Temps Modernes*, nº 678, 2014.